

*Entrevista com Euro-Yser*

*Com quality media press para LA VANGUARDIA & Expresso*

*Firmino Rocha*

*Administrador Executivo - Euro Yser*

*Bernardo Ernesto S. Moniz da Maia*

*Administrador - Sogema sgps*

*Quality Media Press - como definiria a empresa?*

R. - A Euro-Yser no sector químico português pertence a um subsector de produção de resinas naturais. Não existe uma relação directa, nem é um sector que tenha um grande peso e que entre em contra-medida com o resto do sector da industria química, mas é um sector que se tem vindo a desenvolver com alguma sustentabilidade ao longo dos últimos 5 anos em Portugal. A empresa foi fundada em 1994, desde esse período ate agora tem-se desenvolvido com taxas de crescimento na ordem dos 40% em termos médios.

O subsector ao qual nós pertencemos, nos últimos 5 anos teve um crescimento de aproximadamente 100%. Actualmente num negócio global na ordem dos 150 milhões de euros, com uma capacidade media de produção instalada em Portugal de cerca de 100 mil toneladas/ano.

*Q. - Qual o volume de facturação da empresa?*

R. - A facturação é de 23 milhões de euros.

*Q. - Como está dividida a empresa?*

R. - A Solgema é uma holding familiar que foi constituída em 1989, tinha na altura alguns interesses na metalomecânica pesada. A evolução mundial e em Portugal obrigou que essa actividade fosse transferida para entidades que já tinham a nível mundial a actividade mais globalizada. A metalomecânica é uma actividade específica, os seus clientes eram o governo ou entidades portuárias, não são produtos finais muito bem acabadas, dai a decisão de alienar a quem já eram nossos parceiros. Depois começou o interesse em encontrar uma outra diversidade a nível industrial e surgiu em 1992 a hipótese de entrar na indústria química a nível deste subsector. Entrarmos no capital de uma sociedade de resinas no Brasil, que estava já em crescimento dai a procura de um parceiro e nós de saída da parte industrial decidimos

entrar numa nova actividade industrial. Esta actividade industrial com o seu desenvolvimento veio-nos trazer ate há Euro-Yser porque viemos adquirir um conjunto de equipamentos em 1994 para reforçar a actividade no Brasil. Acabamos por desenvolver e instala-la em Portugal, assim surgiu em 1994.

*Q. - Para ter uma ideia, quantas companhias são detidas pela Solgema?*

R. - Os ramos que nós temos neste momento são o químico, imobiliário ligado à construção civil ligada a gestão financeira.

*Q. - Como está a integração das economias espanhola e portuguesa no sector químico em particular?*

R. - O sector químico ibérico e um pouco à luz do que o sector químico europeu é uma vertente do mercado globalizado que está francamente aberto, isto excluindo efectivamente a parte petrolífera, é um mundo completamente à parte. Na área química em geral é um mercado muito liberal, onde as empresas tem as suas próprias extensões. Cada uma das empresas tem uma participação do mercado externo dentro do sector químico equivalente à sua dimensão e capacidade.

*Q. - Qual o volume de facturação da empresa para o mercado interno e para o externo?*

R. - A Euro-Yser é uma empresa um pouco sugeris porque 95% das suas vendas pertencem ao mercado externo. O mercado espanhol representa aproximadamente 15% em 2004 e actualmente 32%.

R. - O sector químico tem três grandes áreas, a petrolífera, a agro-alimentar e depois há estas áreas que se poderá chamar química ligeira ou natural, é uma química de base, os valores e tudo aquilo que nós estamos dentro e podemos fazer é dentro desta área específica. Na realidade o sector químico é muito maior do que aquele onde nós estamos inseridos.

*Q. - Portugal é um bom país para ter instalado uma indústria química? Quais as vantagens e desvantagens de estar instalado em Portugal?*

R. - Existe um factor histórico que nos permite responder em parte a essa questão. Tradicionalmente e historicamente Portugal tem uma tradição forte na produção da matéria-

prima base utilizada nestes subsectores. Dai que tradicionalmente esta industria tenha uma forte ligação ao país e daí existirem diversas empresas ligadas ao sector. Seguidamente Portugal também se transformou no maior produtor europeu e nível mundial deve ser o segundo, com a maior capacidade instalada da produção de resinas naturais baseadas nesta matéria-prima. Esta viragem deu-se nos últimos 5 anos, penso que mais pela tradição e pela existência da tecnologia desenvolvida pelo nosso país ao longo dos anos do que propriamente pelas vantagens macroeconómicas existentes para o estabelecimento deste tipo de industrias.

*Q. - O motivo do crescimento da empresa deve-se ao investimento feito?*

R. - O nosso sucesso está directamente ligado ao nosso investimento em investigação e desenvolvimento.

R. - O nosso crescimento ao ritmo que tem sido feito não tem sido só nem exclusivamente do investimento, mas também numa estratégia que nós sempre definimos desde o princípio que era a actuação fornecedor / cliente. Tentamos sempre ter sempre uma ligação quase privada para cada cliente com produtos específicos para cada um. Esta relação entre a nossa investigação e desenvolvimento e a ligação ao cliente faz com que tenhamos tido este crescimento.

*Q. - A curto e médio prazo quais os objectivos da empresa?*

R. - Gostaríamos de lhes poder responder como lhe estamos a responder agora, que daqui a 5 anos tem tido um crescimento equivalente aos 40%. Hoje em dia entre a sua globalização, a rapidez de comunicação e a possibilidade de ao clique de um botão muitas coisas se passarem eu não consigo prever o que irá acontecer dentro de 5 anos. Uma coisa é certa, a qualidade tem que ser mantida, continuar a privilegiar os bons clientes e os que acreditam em nós e colaboram connosco é que nos trará com certeza um certo sucesso e continuidade de desenvolvimento como tem acontecido ate agora. Julgo que quando há seriedade e atenção o escoamento dos produtos continua sempre bem feitos.

*Q. - Acreditam num futuro industrial para Portugal?*

R. - Em todos os países há bons profissionais e menos bons. No campo industrial devido a determinadas legislações politicas que existem em Portugal e que se mantêm a facilidade de contratar, julgo que prejudica bastante o desenvolvimento industrial. Existem dificuldade de proveniência politica que não permitem criar melhores desenvolvimentos. Continuamos a creditar de uma forma consciente que temos feito algo e damos a nossa quota-parte para o

desenvolvimento da indústria. Continuamos a investir num país que sofre de varias dificuldades.

*Q. - Portugal está a sair da crise económica?*

R. - Eu não acredito que a crise em Portugal tenha acabado aqui, há pontos estratégicos a nível político que deveriam ser orientados e postos em pratica independentemente da corrente politica. Enquanto não houver indícios em Portugal de que se vai por em pratica julgo que é muito difícil a crise politica em Portugal acabar. As linhas mestras da economia e laborais essencialmente tem que se manter independentemente de quem está no governo, não é possível vir um governo e faz uma coisa e depois de 4 anos muda-se o governo e começasse a fazer outra diferente.

R. Sou da mesma opinião.

*Q. - Existe algum comentário que queira reforçar?*

R. - Hoje em dia com mercado global que existe obviamente que nós não podemos olhar só para Portugal, nomeadamente as industrias não podem ser vistas concentradas só para um território com a bandeira nacional, tem de ser vistas numa dimensão mais alta. Enquanto o mundo tiver esta tendência globalizante que continua em crescente nós não podemos ter uma atitude só nacionalista.